

As palavras e a frase: o funcionamento de fraseologismos

Words and sentence: the functioning of lexical phrases

Flávia Santos da Silva*

RESUMO: Na linguística, a disciplina da fraseologia surgiu no início do século XX. Desde então, há o debate para se saber se ela é uma subdisciplina da lexicologia ou não. Klare faz a defensiva positiva por afirmar os fraseologismos possuírem o mesmo tipo de funcionamento que as palavras. Assim sendo, neste artigo, temos o objetivo de discorrer sobre o que Benveniste teoriza sobre as palavras e as frases, a fim de pensar sobre se a palavra, em um fraseologismo, preenche uma função proposicional e se o fraseologismo, ele mesmo, pode preencher uma função proposicional. Para isso, analisamos duas matérias de um periódico *online*, compilando seus fraseologismos e discutindo seu funcionamento.

ABSTRACT: On linguistics, phraseology has emerged in the beginning of the twentieth century. Since then, there have been many discussions about its definition: if it is or not a subdiscipline of lexicology. Klare defends it is, as he affirms that lexical phrases have the same type of functioning as the words. Then, in this paper, we aim at discussing Benveniste's theory about words and sentences in order to know if words, in a lexical phrase, take a propositional function and if a lexical phrase itself takes a propositional function. On this basis, we analyze two articles of an online magazine, compiling their lexical phrases and discussing their functioning.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologismo. Palavra. Frase. Função proposicional.

KEYWORDS: Lexical phrase. Word. Sentence. Propositional function.

1. Da problemática

Tendo se firmado como disciplina científica no início do século XX, a fraseologia, apesar de ser relativamente nova, já conta com várias vertentes que teorizam, cada uma, sobre a delimitação de seu objeto de estudo. Dentre uma vasta gama de denominações, que os teóricos da área conhecem bem, os fraseologismos continuam sendo um objeto de estudo esquivo, já que, todavia, incitam muita discussão a respeito de sua natureza.

Conhecer a natureza do objeto implica delimitar o campo de estudo de uma ciência. À maneira saussuriana¹, compreendemos essa delimitação como a possibilidade de uma ciência definir-se ela mesma a partir das propriedades que caracterizam seu objeto, o que, ao invés de fazê-la fechar-se em si mesma, em um monólogo sem fim, abre a condição de diálogo com outras áreas ou teorias, por exemplo.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFU.

¹ Cf. SAUSSURE, 1964, p. 20.

A esse respeito, tem-se o tão comentado artigo de Johannes Klare, *Lexicologia e fraseologia no português moderno*, no qual ele defende que a fraseologia é uma subdisciplina da lexicologia justamente pela forma como ele define a natureza do seu objeto.

Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para nós um critério essencial para a classificação da fraseologia no campo geral da lexicologia como subdisciplina lexicológica. (KLARE, 1986, p. 355)

Para este autor, a fraseologia é uma subdisciplina da lexicologia por serem os fraseologismos compostos de palavras. Além do mais, outro argumento para considerá-la como subdisciplina lexicológica seria o fato de que “os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumuladas no léxico” (KLARE, 1986, p. 356). Os fraseologismos, não só sendo compostos de palavras, mas também compartilhando da mesma função denominativa, se constituiriam como um aspecto específico de um objeto de estudo mais amplo, as lexias.

Sobre esse posicionamento de Klare (1986), embora tenha reclamado respostas as mais divergentes por parte dos estudiosos do campo, não é nosso intento trazer uma discussão sobre a definição da ciência fraseológica; mas, discutir e problematizar um aspecto específico da natureza de seu objeto. Assim sendo, tomando a afirmação de Klare (1986), de que os fraseologismos são compostos de palavras e que possuem a mesma função que as palavras, como hipótese, neste artigo objetivamos pensar a definição de palavra e de função denominativa a partir de Benveniste (1974), questionando se a palavra, em um fraseologismo, pode preencher uma função proposicional e se o fraseologismo, ele mesmo, pode preencher uma função proposicional.

Desse modo, percorremos dois caminhos metodológicos: (i) teoricamente, contrastaremos o trabalho de Klare (1986) sobre os critérios de definição dos fraseologismos e de Benveniste (1974) sobre o funcionamento da palavra e da frase e (ii) analiticamente, utilizaremos esses pressupostos teóricos como base para verificar o funcionamento de fraseologismos em dois textos da revista online Superinteressante.

2. Os fraseologismos

Os fraseologismos são denominados de várias maneiras, de acordo com a abordagem adotada: locuções fraseológicas, fraseolexemas, frasesmas, idiomatismos, lexemas idiomáticos,

expressões idiomáticas, lexias complexas, dentre outras. Além de possuírem várias denominações, eles também não são facilmente definíveis. Para defini-los, é necessário estabelecer critérios, que, segundo Klare:

são a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização, quer dizer, a acumulação no léxico e a reproduzibilidade [sic] assim possível do todo como complexo. Considerados isolados estes critérios são insuficientes para a determinação dos fraseologismos, normalmente devem ser cumpridos todos pela locução em questão. (KLARE, 1986, p. 358)

A idiomaticidade refere-se à discordância na relação entre o significado dos elementos e o significado do fraseologismo, podendo haver mais ou menos discordância, o que implicaria a possibilidade de classificá-los segundo uma idiomaticidade parcial ou total. O segundo critério refere-se à estabilidade que implica uma sequência fixa dos constituintes do fraseologismo. E o terceiro critério refere-se à acumulação dos fraseologismos no vocabulário de uma língua, à sua lexicalização.

Esses critérios não levam ao problema da univocidade de significado, já que os significados de uma língua se estabilizam pelo seu uso em sociedade. Isso é o que Saussure chama de cristalização social:

Il faut ajouter une faculté d'association et de coordination, qui se manifeste dès qu'il ne s'agit plus de signes isolés; c'est cette faculté qui joue le plus grand rôle dans l'organisation de la langue en tant que système (voir p. 170 sv.). Mais pour bien comprendre ce rôle, il faut sortir de l'acte individuel, qui n'est que l'embryon du langage, et aborder le fait social. Entre tous les individus ainsi reliés par le langage, il s'établira une sorte de moyenne : tous reproduiront, - non exactement sans doute, mais approximativement – les mêmes signes unis aux mêmes concepts. Quelle est l'origine de cette cristallisation sociale? (SAUSSURE, 1964, p. 29)²

O homem não fala por meio de signos isolados, mas por signos que se associam e se coordenam em sintagmatização. Por associação, Saussure refere-se tanto à união entre significado e significante quanto à sintagmatização dos signos.

² “É necessário acrescentar uma faculdade de associação e de coordenação, que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que tem o maior papel na organização da língua enquanto sistema (ver página 170 e seguintes). Mas, para bem compreender esse papel, é necessário sair do ato individual, que é apenas o embrião da linguagem, e abordar o fato social. Entre todos os indivíduos assim ligados pela linguagem estabelece-se um tipo de meio: todos reproduzirão, não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente, os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. Qual é a origem dessa cristalização social?” (tradução nossa)

Com relação à união entre significado e significante, sabemos que essa união dá-se pela diferença, isto é, à medida que os homens usam a língua, todos os seus elementos vão sofrendo novas combinações, como no jogo de xadrez. Essas novas combinações dizem respeito ao fato de que, à medida que fala, o homem faz movimentar toda a cadeia de significantes e de significados na língua, fazendo com que uns se relacionem com outros de maneira diversa.

Com relação à sintagmatização, os signos são combinados entre si em uma extensão linear a fim de que se abra a condição para o estabelecimento do circuito da fala. Cada locutor faz uma combinação particular de sintagmas a fim de haver comunicação. Saussure, entretanto, mostra que, tanto a união quanto a sintagmatização não emergem apenas da fala, mas, sobretudo, da língua. Isto significa dizer que, do compartilhamento e da repetitividade de certas associações individuais, constitui-se uma estabilização nos seus usos. Assim, faz-se emergir da língua certos significantes com certos significados e associam-se determinados signos com outros determinados signos. Portanto, não é que os signos sejam unívocos, mas acaba havendo uma recorrência na união de um significante com um significado, como também da união dos signos entre si.

Seria, então, o fato de se estabilizarem certos significados nas unidades da língua o motivo da discrepância com o significado em um fraseologismo. O que foi cristalizado no signo diverge do que foi cristalizado na locução, daí a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização. Sobre esses critérios, como Klare (1986, p. 357) associa à noção de fraseologismo a de lexias complexas, adicionamos os critérios propostos por Pottier, já que julgamos que esses enriquecem aqueles. Sobre isso, esse autor afirma que:

la lexie est l'unité de comportement. Elle est composée des mots. La *lexie simple* coïncide avec le mot: *chien*. La *lexie composée* contient plusieurs mots déjà en partie ou totalement intégrés (graphiquement, ou dans leur comportement tactique : un brise-glace). La *lexie complexe* est une séquence plus ou moins figée de mots: *faire une niche, en avoir plein le dos, pomme de terre, au fur et à mesure...* (POTTIER, 1967, p. 17)³

Sobre essa citação, notemos bem que lexia composta implica integração e lexia complexa, fixidez. A integração implica haver menos restrições para a substituição dos

³ “A lexia é a unidade de comportamento. Ela é composta de palavras. A ‘lexia simples’ coincide com a palavra: ‘chien’. A ‘lexia complexa’ contém várias palavras já em parte ou totalmente integradas (graficamente ou no seu comportamento tático: ‘brise-glace’). A ‘lexia complexa’ é uma sequência mais ou menos fixa de palavras: ‘faire une niche’, ‘en avoir plein le dos’, ‘pomme de terre’, ‘au fur et à mesure’...” (tradução nossa)

elementos da lexia, ao passo que a fixidez impõe maiores restrições ou mesmo a impossibilidade de qualquer alteração.

3. As palavras na frase

Sobre a palavra, Benveniste (1974, p. 225) declara ser ela uma unidade semântica: unidade mínima para a mensagem e necessária para a codificação do pensamento. A “mensagem” implica transmissibilidade, não transmissão, uma vez que o ser próprio do modo semântico é a equívocidade. Definida como a unidade mínima da mensagem, Benveniste faz encontrar a função “natural” da palavra. A palavra não é a unidade mínima de sentido, mas a unidade mínima que veicula sentido na mensagem, o que coloca em evidência o fato de que ela preenche uma função nessa mensagem.

A palavra é a unidade necessária para a codificação do pensamento em um agenciamento, o qual, em Benveniste, tendo a conotação de “agencer”, deve ser compreendido como “disposer, arranger un ensemble de sorte que ses éléments soient exactement adaptés les uns aux autres et que le tout réponde au mieux à sa destination”⁴. Isto é, o locutor tem que enformar o sentido que intenta significar na língua, relacionando seus elementos de modo a formar uma estrutura que seja reconhecida como linguística por seus interlocutores.

Assim sendo, ainda que o signo organize o pensamento, apenas o agenciamento das palavras permite codificá-lo, isto é, torná-lo acessível ao outro por meio de uma realização formal. Realizar-se formalmente implica dar-se: (i) pela escolha, a partir das relações associativas, o que não implica capacidade de livre-arbítrio (ser completamente ativo), mas de manejar a língua (de não ser completamente passivo); (ii) pelo agenciamento das palavras, dispô-las de maneira a formar um sintagma; (iii) pela organização sintática, de modo que esse sintagma seja composto seguindo as regras de conexão de uma língua; (iv) pela ação que as palavras exercem umas sobre as outras, isto é, os efeitos de sentido produzidos entre elas quando conectadas⁵.

Nesse sentido, devemos atentar para o fato de que o sentido da palavra funciona de maneira distinta do sentido da frase. Na frase, o sentido pode ser tido como uma ideia, uma representação mental que resulta do agenciamento das palavras. Essa ideia resulta do

⁴ AGENCER. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado. “Dispor, arranjar um conjunto de maneira que esses elementos estejam exatamente adaptados uns aos outros e que o todo responda à sua destinação” (tradução nossa).

⁵ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 225.

agenciamento; entretanto, por assim dizer, se “origina” da situação de discurso. Por situação de discurso, compreendemos a conjuntura na qual o locutor maneja a língua.

No arranjar as palavras de modo a formarem uma frase que porta uma ideia, cada palavra é colocada em um emprego particular. Por “emprego”, compreenda-se a circunstância em que se utiliza a palavra⁶. Por “circunstância”, compreenda-se a integração a um sintagma e o preenchimento de uma função proposicional. Integrar um sintagma implica dois aspectos - a não-redução da frase às suas partes e a repartição do sentido da frase entre suas partes:

la phrase se réalise en mots, mais les mots n'en sont pas simplement les segments. Une phrase constitue un tout, qui ne se réduit pas à la somme de ses parties; les sens inhérent à ce tout est réparti sur l'ensemble des constituants. Le mot est un constituant de la phrase, il en effectue la signification; mais il n'apparaît pas nécessairement dans la phrase avec le sens qu'il a comme unité autonome. (BENVENISTE, 1966, p. 123-124)⁷

O fato de a frase se realizar por meio de palavras não implica que ela seja uma soma de suas partes. Entretanto, a ideia que a frase veicula é repartida entre essas palavras. Pode parecer contraditório o fato de, ao mesmo tempo em que a frase não é uma soma de suas partes, seu sentido poder resultar do conjunto de suas palavras. Interessante notar que, a esse respeito, Benveniste (1974, p. 226) utiliza as palavras “assemblage” e “assembler” para se referir a esse conjunto de palavras que resultam no sentido da frase como um todo: “le locuteur assemble des mots...”, “le sens qui résulte de l'assemblage des mots”, o que não leva às frases serem uma soma de suas partes.

A composição do sentido da frase é outra coisa que a composição de sua forma, no que a palavra está no entremeio, já que realiza a significação da frase. Efetuando a significação, é necessário compreender que a palavra funciona de uma maneira quanto à veiculação de sentido e de outra quanto à estruturação da forma.

Com relação ao sentido, “a partir de l'idée chaque fois particulière, le locuteur assemble des mots qui dans cet emploi ont un ‘sens’ particulier” (BENVENISTE, 1974, p. 226)⁸. A partir da representação mental que o locutor “quer” veicular na frase, ele enforma essa ideia em uma

⁶ Cf. EMPLOI. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado.

⁷ “A frase se realiza em palavras, mas as palavras não são simplesmente os segmentos dela. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma de suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido sobre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetuando a significação nela e não aparecendo necessariamente com o sentido que possui como unidade autônoma” (tradução nossa).

⁸ “A partir da ideia cada vez particular, o locutor reúne as palavras que, nesse emprego, têm um ‘sentido’ particular” (tradução nossa).

estrutura linguística, reunindo as palavras de forma que, desse agenciamento, elas tenham um emprego cujo sentido seja particular àquela frase. Por conseguinte, a palavra entra na frase de modo que seu emprego contribua com a ideia da frase por meio do agenciamento sintático.

Entretanto, esse agenciamento não leva a que a frase seja uma soma de suas partes; ao contrário. Pelo fato mesmo de se estar tratando de agenciamento, arranjo que implica relação, e não adição, arranjo que implica um simples acréscimo, as palavras contribuem com a forma da frase no que elas se combinam sintaticamente, não apenas algoritmicamente. Da adição, resulta a soma. Da sintaxe, resulta a frase. A sintaxe implica as regras de combinações infinitas de uma dada estrutura linguística e sua equivocidade patente. Já a soma implica as regras finitas de combinação de um sistema numeral e, por conseguinte, sua univocidade aparente.

Ainda que essa diferença pareça óbvia, é muito comum relacionar-se a frase com algoritmo; portanto, com a soma das partes, e não com a sintaxe, ou seja, com o agenciamento das partes. Por exemplo, no verbete “algoritmo” do Dicionário Houaiss, encontramos:

Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: gramática generativa, matemática. Mecanismo que utiliza representações análogas para resolver problemas ou atingir um fim, noutros campos do raciocínio e da lógica. Ex.: pode-se considerar a gramática como um a., na construção das frases. (ALGORITMO. In: HOUAISS, et al., 2001, não paginado)

A gramática não é um algoritmo para a construção de frases. Ela é, ao contrário, uma estrutura linguística. Por ser estrutura, comporta leis de combinação. Por ser linguística, essas leis de combinação, além de estarem para o infinito, comportam nelas mesmas os paradoxos de funcionamento da língua. Falar em algoritmo e em estrutura linguística leva a consequências completamente diferentes. Entretanto, ainda que se insista na relação de um e outro, não seria demais lembrar que a língua é um sistema de signos, não de números.

Portanto, quanto à veiculação de sentido, a palavra entra na frase de modo a compartilhar seu emprego com a ideia da frase, o que não implica soma, já que, quanto à estruturação da forma, a palavra entra na fase de modo a fazer combinações sintáticas. Dessa forma, por a palavra realizar a significação na frase, tem que se pensar seu duplo aspecto de funcionamento: o emprego das palavras contribuindo com o todo – o aspecto do sentido - e o todo sendo resultado do agenciamento das palavras – o aspecto da forma, de modo que emprego e agenciamento funcionem juntos para a frase ter um funcionamento formal.

Tudo isto estando envolvido no fato de a palavra integrar um sintagma, passemos agora ao seu preenchimento na função proposicional. A esse respeito, Benveniste cita Russell :

Une “fonction propositionnelle” est une expression contenant un ou plusieurs constituants indéterminés, tels que, lorsque des valeurs leur sont assignées, l’expression devient une proposition [...] “*x* est humain” est une fonction propositionnelle; tant que *x* reste indéterminé, elle n’est ni vraie ni fausse; mais, dès que l’on assigne un sens à *x*, elle devient une proposition vraie ou fausse. (RUSSELL, [199?], p. 188 apud BENVENISTE, 1966, p. 125)⁹

Desse modo, a noção de emprego vem junto com a noção de função proposicional no sentido em que os constituintes indeterminados possam ser preenchidos por uma palavra, formando uma frase e, em certo sentido, determinando-os. Notemos que, nesse caso, poderíamos compreender esses constituintes indeterminados não como entidades linguísticas, mas como os “blocos” ou “espaços” que possam ser semanticamente preenchidos em uma frase. Por exemplo, em “ele comeu aqui *x*”, poderia ser preenchido por “ele comeu aqui hoje”, “ele comeu aqui ontem”, entre outros.

Assim, não se trata simplesmente de haver função proposicional apenas nos “espaços” dedicados aos ditos termos essenciais da oração, embora, em Russell, haja referência explícita ao esquema lógico “S é P”. No quadro teórico em que nos situamos, para os termos tidos como acessórios também há constituintes indeterminados que podem ser preenchidos, já que, por exemplo, em “ele comeu aqui hoje”, as regras de combinação da língua portuguesa permitem que um adjunto adverbial temporal seja posposto a um adjunto adverbial de lugar¹⁰. Além do mais, elas permitem que o adjunto “hoje”, frequentemente relacionado com o presente, seja agenciado com um verbo no passado.

Toda frase possui, pois, espaços semânticos que, se não forem preenchidos, podem ser preenchidos por uma palavra. A palavra preenchendo uma função proposicional, seu emprego se relaciona com maneira como essa função é preenchida. O sentido da palavra, portanto, é particular e relativo também ao espaço semântico em que funciona. Por isso, “[le mot] n’apparaît pas nécessairement dans la phrase avec le sens qu’il a comme unité autonome » (BENVENISTE, 1966, p. 124)¹¹. Dessa citação, duas ressalvas. Em primeiro lugar, voltamos à

9 “Uma função proposicional é uma expressão contendo um ou mais constituintes indeterminados, tais que, quando os valores lhe são atribuídos, a expressão se torna uma proposição [...]: ‘*x* é humano’ é uma função proposicional; enquanto *x* manter-se indeterminado, ela não é nem falsa nem verdadeira; mas, desde que se lhe atribua sentido, ela se torna uma proposição verdadeira ou falsa” (tradução nossa).

10 Por ser mais conhecida e por falta de outra terminologia em Benveniste, na maior parte deste trabalho, utilizaremos a terminologia da gramática tradicional.

11 “[a palavra] não aparece necessariamente na frase com o sentido que ela tem como unidade autônoma” (tradução nossa).

questão de que a parte contribui com o todo, de modo a que o sentido da palavra, funcionando segundo a função proposicional, seu emprego, contribuirá com o sentido da frase, a ideia que intenta veicular. Em segundo lugar, afirmar que a palavra tem um sentido enquanto unidade autônoma não implica univocidade de sentido, mas cristalização social, tal como afirma Saussure. Em Benveniste, essa cristalização social é referida, em certo sentido, como semantismo social, isto é, a integração da sociedade no aparelho conceitual da língua, por meio, principalmente, de fatos de vocabulário¹².

4. As palavras nos fraseologismos

Para realizar a análise abaixo, elegemos uma das matérias destacadas, da versão *online*, da Revista Superinteressante de 27 de junho de 2014 e outra relacionada a ela. Isso porque, no final da primeira matéria, *Nasa encontra sinais misteriosos de raios X em outra galáxia* (doravante T1), havia um *link* relacionando-a com uma segunda, *Físicos podem ter encontrado indícios de matéria escura*, e, no final desta, outra, *O bóson de Higgs não deu nem pro começo* (doravante T2). Nesta última, não havia *link* para remeter a outra matéria. Daí ficarmos com as três matérias. Na segunda matéria, não encontramos fraseologismos.

Partindo das teorizações de Klare (1986), elencamos os seguintes fraseologismos nesse *corpus*:

Quadro 1. Fraseologismos retirados da revista Superinteressante.

T1	raio x devido a isso um monte de ideias por aí
T2	bóson de Higgs não dar nem pro começo boa parte de ser isso aí mesmo não dar nem para o troco do pão por falar em quer dizer até aí dar tudo errado reunir no mesmo saco ter muito trabalho nas mãos

¹² Cf. BENVENISTE, 1974, p. 98.

Dentre os fraseologismos que elegemos de T1, há “raios X” da frase “os cientistas acham que os **raios X** podem ter sido produzidos pela decomposição de neutrinos estéreis [...]”. “Raio X” seria uma lexia complexa e não uma lexia composta por nela haver fixidez e não integração. Por integração, compreendemos que locuções consideradas lexias compostas são tidas como as que possuem elementos integrados por aglutinação, justaposição ou hífen¹³. Por fixidez, compreendemos a estabilidade que resulta da idiomaticidade. Assim sendo, “raio x” não remetendo propriamente nem ao significado estabilizado de “raio” nem ao de “x”, há uma discrepância no significado do fraseologismo que, tendo tomado uso na língua, passou a ter uma estabilidade. “Raio x” não pode se apresentar nem como “raio y”, nem como “raio z”, ou qualquer outro, já que, com isso, ele seria destituído do significado que lhe foi convencionalizado. Desta maneira, “x” preenche a função de adjunto, qualificando e especificando “raio”. E “raio x”, na frase acima, preenche a função de sujeito.

“Devido a isso” também é um fraseologismo por “devido” e “isso”, ao serem agenciados juntos, remeterem a outro significado estabilizado que difere do significado de cada um isoladamente. Além do mais, ele já está lexicalizado, tanto que, nos dicionários, é possível encontrá-lo na definição da entrada lexical “devido”. Sobre a função proposicional que preenche, vejamos: “os astrônomos envolvidos no estudo acreditam que a matéria escura pode constituir 85% da matéria do Universo, mas ela não emite nem absorve luz, como fazem os nossos conhecidos prótons, nêutrons e elétrons. **Devido a isso**, os cientistas precisam [...]”. No fraseologismo, “isso” preenche, além da função proposicional de complemento nominal, a de elemento anafórico. Por causa disso, vemos que a idiomaticidade de “devido a isso” é parcial. “Isso” pode ser substituído por outros elementos; assim, a estabilidade do fraseologismo não segue restrições fixas quanto à substituição desse elemento. Por ser uma lexia complexa, que possui uma palavra anafórica, “devido a isso” não está preenchendo uma função proposicional nem na frase que o precede nem na que o sucede, o que significa dizer que ele não funciona como palavra em nenhuma das frases¹⁴.

“Haver um monte de ideias” e “por aí” estão na mesma frase: “Há um monte de ideias por aí sobre o que estes dados poderiam representar”. Em “há um monte de ideias”, “um monte de idéias” preenche a função de objeto direto, “um” e “de ideias” de adjunto adnominal e

¹³ Cf. Batista da Silva, 2006, p. 12.

¹⁴ A autora Cabral (2010, p. 112) afirma que esse tipo de expressão é um adjunto oracional. Já Koch (2004 apud CABRAL, 2010, p. 114) assevera ser um elemento metaenunciativo. Não entraremos nesses detalhes, já que nosso trabalho refere-se aos fraseologismos de maneira geral, não a estes de maneira específica.

“monte” de núcleo nominal. Ainda que “de ideias” possa ser substituído por outro adjunto, “monte”, se o for por outro elemento, muda-se o fraseologismo, já que ele é o núcleo deste. Em “por aí”, “por” preenche a função de localizar um lugar, que, sendo preenchido pelo núcleo nominal “aí”, fica indeterminado. “Por aí” preenchendo a função de adjunto adverbial, ele funciona como palavra na frase, embora ela não esteja se referindo propriamente a algum lugar específico.

No título de T2, “O bóson de Higgs não deu nem pro começo” já se pode encontrar dois fraseologismos: “bóson de Higgs” e “não dar nem pro começo”. “Bóson de Higgs” é uma lexia complexa por não ser integrada por aglutinação, justaposição, nem hífen, como nas lexias compostas, mas fixada pela idiomaticidade. Havendo nele alusão ao físico indiano Satyendra Nath Bose e ao físico britânico Peter Higgs, esse fraseologismo não denota propriamente esses dois físicos, mas uma partícula de energia.

Há ali, pois, o que Klare (1986, p. 359) chama de metaforização. A partir de seus estudos sobre lexias complexas, esse estudioso afirma que muitas delas são metaforicamente motivadas, isto é, tiveram como razão de ser a interpretação de dois ou mais significados diferentes que são relacionados e, disso, resulta-se a estabilização de um significado. “Bóson de Higgs” preenche a função de sujeito e, “de Higgs” preenchendo a função de adjunto adnominal de “bóson”, “de” preenche a função de fornecer uma caracterização a “bóson” por meio de “Higgs”, já que há outros tipos de bósons na física, ainda que não levem o nome de “bóson”¹⁵. Disso, resulta-se uma complexa rede de relações, na qual, ao homenagear-se o trabalho de certos físicos, cria-se um fraseologismo por metaforização.

Em “não dar nem pro começo”, a estabilidade se dá por causa de sua lexicalização. Fazendo o experimento simples de digitar entre aspas “não deu nem pro começo” na barra de pesquisa do Google, no dia 2 de julho de 2014, obteve-se 39.200 resultados, ao passo que sua forma afirmativa, “deu pro começo”, apesar de ter obtido 10.400 resultados, era, geralmente, seguida de “já”, “não”, “nem” ou ambas as últimas; com isso, poderíamos dizer que a forma afirmativa desse fraseologismo não foi lexicalizada. Considerando-se os outros tempos e modos de seu verbo, poderíamos ter mais resultados. De qualquer forma, o que percebemos é que esse fraseologismo encerra em si elementos das mais variadas funções proposicionais e, no entanto, ele mesmo pode ou não preencher uma. Na frase que temos, ele preenche a função de predicado,

¹⁵ Cf. CERN. **The standard model**. Disponível em: < <http://home.web.cern.ch/about/physics/standard-model> > Acesso em 3 jul 2014.

mas é possível que, em outras frases, não. De uma maneira ou de outra, preencher a função de predicado ultrapassa o funcionamento de uma palavra.

O fraseologismo “não dar nem para o troco do pão” parece funcionar como o anterior. Vejamos: “o Modelo Padrão, em toda sua grandiosidade festejada pelos físicos, **não dá nem para o troco do pão** quando falamos do conteúdo integral do Cosmo”. Aqui o fraseologismo também funciona como predicado. Isso também se dá com “reunir no mesmo saco” – “a criação de uma nova teoria, capaz de **reunir** a relatividade e a atual mecânica quântica **no mesmo saco**” – e “ter muito trabalho nas mãos” – “os físicos **terão muito trabalho nas mãos**”.

No trecho “boa parte das partículas do Modelo Padrão tinham sido propostas em teoria e, depois, a existência delas foi confirmada na prática”, poderíamos afirmar que “boa parte de” é um fraseologismo por dois motivos. Em primeiro lugar, pela idiomaticidade parcial, por não ser em todo o fraseologismo que há discordância de significado. “Parte” parece remeter à noção de “porção”, ao passo que “boa” não parece ser o contrário de “má”, mas remeter à noção de “grande”. Em segundo lugar, fazendo o mesmo experimento simples anterior, tem-se mais de 29 milhões de resultados no Google, o que permite dizer que esse é um fraseologismo pela ocorrência conjunta de cada uma de suas palavras estar muito lexicalizada.

A análise sintática dando-se da esquerda para a direita, “boa parte de” em si não preenche nenhuma função proposicional. “Boa parte das partículas do Modelo Padrão” é o sujeito, “partículas”, núcleo nominal do sujeito e “as partículas do Modelo Padrão”, complemento nominal de “boa parte”, “do Modelo Padrão”, adjunto adnominal de “boa parte das partículas”. Não há como fazer a análise sintática da direita para esquerda, desmembrando as partes desse sujeito, para atribuir uma função a “boa parte de”. “Boa parte de”, sendo uma porção do sujeito, não preenche nenhuma função proposicional, inclusive porque, em outras frases, ele pode ser porção de outros elementos que preenchem outras funções proposicionais.

Outros fraseologismos do texto, além de compartilharem a propriedade de “boa parte de” de não preencherem uma função proposicional, sugerem ter um funcionamento ainda mais complexo. Nesse caso, incluímos: “ser isso aí mesmo” – “**é isso aí mesmo**, não tem erro de digitação” – e “dar tudo errado” – “e aí, ao combinar as equações das duas teorias, o resultado é... Bem, **dá tudo errado**”. Trata-se de um funcionamento complexo porque esses fraseologismos funcionam como frases não como palavras.

Para Benveniste (1966, p. 123-124), a frase se realiza por palavras e o seu sentido é compartilhado entre essas palavras; por isso, um fraseologismo pode ser uma frase, na medida

em que for um todo, isto é, que conter os elementos necessários para possibilitar a transmissibilidade. “É isso aí mesmo” e “dar tudo errado” contêm em si mesmos os elementos necessários para que, relacionados a uma situação de discurso, sejam compreendidos.

Compreendendo “situação de discurso” como o ato de o locutor tomar as palavras para si e habilitá-las a um uso específico, esse ato pode se dar oralmente ou por escrito. No caso dos fraseologismos “é isso aí mesmo” e “dar tudo errado”, ao serem lidos por um (inter)locutor na situação de discurso em que se inserem, permitem estabelecer um sentido. Essas frases, no entanto, possuindo as características de se constituírem como um todo e seu sentido ser compartilhado entre suas palavras, possuem discrepância do sentido entre o todo e as partes, além de serem estáveis e lexicalizadas, o que as tornam fraseologismos. Julgamos não ser à toa que “fraseologismos” (com)porta o termo “frase” no nome.

Alguns fraseologismos funcionando como frases, outros parecem ter seu tipo de funcionamento a investigar. Por exemplo, “por falar em” e “quer dizer” afiguram-se operar como “devido a” que mencionamos acima, na medida em que não parecem preencher uma função proposicional na frase. Observemos um trecho de T2: “aliás, **por falar em** gravitação, esse é outro grande mistério que ainda não foi totalmente esclarecido. **Quer dizer**, até foi, mas como se fosse uma bizarrice do Universo”. Eles têm a propriedade de, por assim dizer, serem anafóricos: “por falar em gravitação” está retomando algo que foi dito anteriormente e “quer dizer”, ao fazer uma ressalva, de certa forma também está retomando algo dito anteriormente. Por essa propriedade, eles são um tipo de fraseologismo que não funciona como palavra nem como frase. Não funcionam como palavra porque não preenchem uma função proposicional. Não funcionam como frase porque, em si, não constituem um todo. Desse modo, possuem um funcionamento muito peculiar, que exige mais pesquisas.

De qualquer forma, poderíamos organizar a análise que empreendemos até aqui no seguinte quadro:

Quadro 2 – Tipos de funcionamento dos fraseologismos. (Legenda: P1 – propriedade de as palavras do fraseologismo preencherem uma função proposicional; P2 – propriedade de o fraseologismo preencher uma função proposicional qualquer na frase; P3 - propriedade de o fraseologismo preencher a função proposicional de predicado; P4 – propriedade de o fraseologismo ter funcionamento de frase; P5 – tipo de funcionamento do fraseologismo a definir).

	P1	P2	P3	P4	P5
boa parte de	x				x
bóson de Higgs	x	x			
dar tudo errado	x			x	
devido a isso	x				x
não dar nem para o troco do pão	x		x		
não dar nem pro começo	x		x		
por aí	x	x			
por falar em	x				x
quer dizer	x				x
raio x	x	x			
reunir no mesmo saco	x		x		
ser isso aí mesmo	x			x	
ter muito trabalho nas mãos	x		x		
haver um monte de ideias	x			x	

A disposição desse quadro permite ver mais claramente as propriedades dos fraseologismos de T1 e de T2 de que tratamos até agora. Em todos os fraseologismos, as palavras preenchem uma função proposicional, na medida em que é possível fazer uma análise sintática da esquerda para a direita e elencar essas funções. Entretanto, nem todo fraseologismo em si preenche uma função proposicional.

Com relação aos que preenchem, por exemplo, “raio x”, “por aí”, “bóson de Higgs”, eles funcionam como uma única palavra. Apesar de, por exemplo, em “raio x”, “raio” ter a função de núcleo nominal e “x” de adjunto, cada um é uma palavra distinta, ao integrarem um mesmo sintagma, formando uma única palavra, no sentido de preencherem a mesma função, no caso que vimos, de sujeito da frase. Essa é uma característica interessante dos fraseologismos – a de, pela integração de palavras diferentes em um mesmo sintagma, formar-se uma nova palavra que, ela mesma, preenche uma única função na frase. Por isso mesmo, são lexias complexas: da discordância de suas funções diferentes, forma-se uma função só.

Os fraseologismos que possuem função de predicado, por exemplo, “não dar nem pro preço”, “não dar nem para o troco do pão”, “reunir no mesmo saco”, “ter muito trabalho nas mãos” operam singularmente. Isso porque a noção de predicado extrapola a de palavra. Embora, como as lexias citadas no parágrafo anterior, eles formem um fraseologismo que compreende

palavras com funções diferentes, as quais, juntas, preenchem uma mesma função, julgamos que, nesse caso, por referir-se à função de predicado, não seria adequado afirmar que eles estejam funcionando como uma única palavra, pois a função de predicado que esses fraseologismos ocupam extrapola a definição de Benveniste (1974, p. 225) de a palavra ser a unidade semântica mínima para a mensagem. Ora, o predicado extrapola o mínimo. Há aí, pois, um tipo de fraseologismo que, embora seja estável, lexicalizado e idiomatizado, não funciona por si só como palavra por veicular muito mais que um significado que possa ser estabilizado em uma única unidade mínima. O predicado parece estar no entremeio da palavra e da frase. De qualquer maneira, admitimos que essa questão exige mais investigação.

“Ser isso aí mesmo”, “dar tudo errado” e “haver um monte de ideias” ultrapassam todos os limites, já que se lexicalizaram enquanto frases. Dessa maneira, eles não preenchem uma função proposicional em uma frase por funcionarem eles mesmos como frases. Os outros quatro fraseologismos, “devido a isso”, “boa parte de”, “por falar em”, “quer dizer”, por possuírem propriedades mais complexas, ficam com seu tipo de funcionamento a definir. Entretanto, eles podem estar mais para a sintagmatização, isto é, para a maneira como certo conjunto de palavras é agenciado com recorrência, e menos para a fraseologia.

5. Conclusões

Com a análise que fizemos, verificamos que, dos quatorze fraseologismos que analisamos, todos possuem suas palavras preenchendo alguma função proposicional. Entretanto, apenas oito fraseologismos ocupam eles mesmos alguma função, dentre os quais quatro são predicados, uma função que gera o problema de extrapolar a função de palavra. Além disso, verificamos que alguns fraseologismos não funcionam eles mesmos como palavra e que, outros, funcionam como palavra.

Nesse sentido, entramos novamente na problemática de Klare (1986) de a fraseologia ser uma subdisciplina da lexicologia por seu objeto de estudo ter a mesma função que as palavras, a função denominativa. Entretanto, vimos que nem todo fraseologismo funciona como palavra, o que faz com que não preencha uma função denominativa. Portanto, este trabalho, ainda que limitado, pode abrir caminhos para se definir a ciência fraseológica a partir da natureza de seu objeto visto baixo os pressupostos teóricos que a problemática sobre a palavra e a frase suscita.

Referências

BATISTA, L. Nasa encontra sinais misteriosos de raios X em outra galáxia. **Superinteressante**, São Paulo, 27 de junho de 2014. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/supernovas/2014/06/27/nasa-encontra-sinais-misteriosos-de-raios-x-em-outra-galaxia/>> Acesso em 6 jun 2014.

BATISTA DA SILVA, M. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: **Revista de Letras**. Fortaleza: Edições da Universidade do Ceará, 2006. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf>> Acesso em 28 jun 2014.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Saint-Amand: Éditions Gallimard, 2002, v. 2. [1974]

CABRAL, A. **A força das palavras**: dizer e argumentar. São Paulo: Contexto, 2010.

HOUAISS, A; VILLAR, M; FRANCO, F (ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001.

JEUGE-MAYNART, I. (org.). **Larousse** : dictionnaires de français. Paris: Éditions Larousse, 2012. Disponível em : <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>> Acesso em 28 jun 2014.

KLARE, J. Lexicologia e fraseologia no português moderno. In: **Revista de Filologia Românica**, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm_4KQCg&usq=AFQjCNEODI_I0QWsg9m_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJIXfmZ5MWE3w> Acesso em 28 jun 2014.

NOGUEIRA, S. O bóson de Higgs não deu nem pro começo. **Superinteressante**, São Paulo, agosto de 2013. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/universo/boson-higgs-nao-deu-nem-pro-comeco-697828.shtml>> Acesso em 6 jun 2014.

POTTIER, B. **Présentation de la linguistique**: fondements d'une théorie. Paris: Éditions Klincksieck, 1967.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris, Payot: 1964.

VILAVERDE, C. Físicos podem ter encontrado indícios de matéria escura. **Superinteressante**, São Paulo, 3 de abril de 2013. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/supernovas/2013/04/03/fisicos-podem-ter-encontrado-indicios-de-materia-escura/>> Acesso em 6 junho 2014.

Artigo recebido em: 19.07.2014

Artigo aprovado em: 13.09.2014